

Choro na Europa: práticas artísticas e pedagógicas institucionalizadas que contribuem para a sustentabilidade do gênero fora do Brasil

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO

SIMPÓSIO: ST 7 - Choro patrimônio cultural do Brasil: perspectivas interdisciplinares

Marcelo Leite do Nascimento
Universidade de Aveiro-PT
marceloflauta@hotmail.com

Resumo. Este trabalho aborda ações desenvolvidas nos processos de institucionalização em torno do Choro na Europa. O estudo tem como base minha pesquisa de doutorado, onde desenvolvo uma etnografia multi-situada como investigador participante em instituições europeias que desenvolvem atividades formais e informais ligadas ao Choro - gênero musical surgido no Brasil no século XIX que alcançou significativo destaque no continente europeu a partir do início dos anos 2000. Este estudo investiga iniciativas na Europa relacionadas ao gênero que impulsionam, promovem e, por vezes, antecipam a institucionalização de ações em torno dele. Entre estas ações estão: concertos, festivais, aulas e workshops. Destaco que a habilidade de criar e sustentar tais iniciativas levou à formação de “Clubes de Choro” e “Escolas de Choro” em várias cidades europeias, como o “Club du Choro de Paris”, “Choro School – EPM Holanda” e o “Choro München”. Apresento também algumas iniciativas pedagógicas desenvolvidas neste contexto de hibridização social e musical, apoiadas no conceito de comunidade de prática cunhado pelos teóricos Jean Lave e Etienne Wenger. Tais conceitos contribuem para a compreensão da estrutura de ensino-aprendizagem desenvolvida neste contexto, sendo, na grande maioria dos casos, ação inerente as instituições. O trabalho tinha como objetivos identificar, compreender e difundir o processo de institucionalização do choro na Europa, no entanto, apresentou resultados adicionais, revelando o gênero como um fenômeno social composto por uma rede de agentes que constantemente atribuem significados e construções simbólicas em torno dessa prática, e evidenciando sua sustentabilidade como resultado da relação entre agentes, ações e institucionalização.

Palavras-chave. Choro na Europa, Institucionalização, Práticas artísticas, Práticas pedagógicas, Sustentabilidade

Choro in Europe: Institutionalized Artistic and Pedagogical Practices that Contribute to the Sustainability of the Genre Outside Brazil

Abstract. This paper addresses actions developed in the institutionalization processes surrounding Choro in Europe. The study is based on my doctoral research, where I developed a multi-sited ethnography as a participant researcher and observer in European institutions that develop formal and informal activities related to Choro - an urban musical genre that emerged in Brazil during the 19th century and achieved significant prominence in the European continent from the beginning of the 2000s. This study investigates initiatives in Europe related to the genre that drive, promote and, at times, anticipate the institutionalization of actions around it. Among these actions are: concerts,

festivals, meetings, classes and workshops. I emphasize that the ability to create and sustain such initiatives led to the formation of “Choro Clubs” and “Choro Schools” in several European cities, such as the “Club du Choro de Paris”, “Choro School – EPM Holand” and “Choro München”. I also present some pedagogical initiatives developed in this context of social and musical hybridization, supported by the concept of community of practice coined by theorists Jean Lave and Etienne Wenger. Such concepts contribute to the understanding of the teaching-learning structure developed in this context, and in the vast majority of cases, are actions inherent to these institutions. The work aimed to identify, understand and disseminate the process of institutionalization of choro in Europe, however, it presented additional results, revealing the genre as a social phenomenon composed of a network of agents who constantly attribute meanings and symbolic constructions around this musical practice, evidencing its sustainability as a result of the relationship between agents, actions and institutionalization.

Keywords. Choro in Europe, Institutionalization, Artistic Practices, Pedagogical Practices, Sustainability

O crescimento do choro na Europa

Remonta ao início da primeira década do século XXI uma significativa projeção do Choro no continente europeu, através do crescimento de espaços performativos, apresentações e processos de institucionalização deste gênero musical, traduzidos no aparecimento de clubes temáticos de Choro espalhados por várias capitais e cidades europeias. O processo de globalização incrementado pelo acesso cada vez mais democrático aos conteúdos especializados e informativos na internet ajudaram a impulsionar estas ações, favorecendo a disseminação do gênero no velho continente.

Ainda no século XX, precisamente no ano de 1922, o compositor e intérprete Pixinguinha (1897 - 1973), um dos mais importantes representantes do gênero, juntamente com mais sete músicos negros brasileiros, realizaram uma excursão a França apresentando-se por um período de seis meses em boates de Paris (Menezes Bastos, 2005). Na segunda metade do mesmo século diversos artistas ligados ao choro realizaram movimentos semelhantes. É o caso do flautista Altamiro Carrilho (1924 – 2012), e do cavaquinista Waldir Azevedo (1923 – 1980) que excursionaram durante a década de 1960 por países europeus, tais como Portugal, Espanha, França e Alemanha, realizando apresentações com música brasileira, especialmente o Choro, e participando de gravações em discos em alguns destes países (Koidin, 2011). Antes disso, ainda na década de 1950, as composições de Waldir Azevedo como o baião *Delicado* e o choro *Brasileirinho* já haviam alcançado significativo sucesso em países europeus, assim como nos Estados Unidos e Japão.

Por volta dos anos 2000 este interesse pelo choro no continente europeu passou a ganhar novos contornos: ao invés da simples recepção de artistas brasileiros, surge o interesse

na criação de dinâmicas locais de ensino, aprendizagem e disseminação do gênero. Tal interesse se concretiza através da realização de encontros, festivais e da criação de lugares formalmente organizados em torno do Choro, designados aqui de instituições. Com este cenário, o trabalho visou, inicialmente, identificar, compreender e difundir as dinâmicas e a relevância das diversas formas de ações em torno do gênero na Europa.

Contexto da pesquisa e metodologia participativa

Assumindo o papel de investigador participativo, realizei, entre os anos de 2021 a 2024, uma etnografia multi-situada em diversas cidades de países europeus, como: Paris; Toulouse; Rotterdam; Munique; Zurique; Viena e Porto. Ao me inserir no ambiente das instituições de choro, seja como músico ou professor, pude experimentar e observar com mais detalhes as ações desenvolvidas com o gênero, me possibilitando, ainda, elaborar entrevistas mais focadas na realidade.

Esta estratégia me permitiu identificar um cenário bastante complexo composto por uma rede de agentes com diferentes perfis e papéis, os quais os classifiquei assim: a) *Agente cultural* - Responsável pelas iniciativas institucionais, em alguns casos são músicos ou musicistas brasileiros/as, ou europeus/eias, como exemplos: a pianista brasileira Maria Inês Guimarães (presidente do Club du Choro de Paris) e o cavaquinista holandês Marijn van der Linden (diretor da Choro School - EPM Holanda). Em outros casos, encontram-se agentes culturais não músicos/istas, como exemplo o pesquisador francês e apaixonado pela cultura brasileira, Etienne Clement (Fundador do Wiener Choro Klub e diretor científico do Lille Choro Festival); b) *Professor* - músico e musicista brasileiro/a ou europeu/eia geralmente ligado à instituição de Choro e um dos principais responsáveis pela transmissão da linguagem do gênero, como exemplos: o violonista alemão Olivier Lob (professor e diretor da Casa do Choro de Toulouse) e o percussionista brasileiro João Araújo (professor na Choro München); c) *Músico profissional e amador* - perfil formado na maioria por europeus, interessados no aprendizado e prática musical do Choro; d) *Público* - composto geralmente por europeus amantes da cultura brasileira e brasileiros residentes na Europa.

O conceito de institucionalização e o choro

É importante deixar claro como o termo instituição é abordado neste trabalho. Para além dos significados semânticos da palavra em si: a) Do latim “institutiōne” (que significa “sistema; disposição”), o termo “instituição” faz alusão à ação e ao efeito de instituir (fundar,

dar começo, erigir) algo, é uma coisa instituída, isto é, estabelecida ou fundada. No que diz respeito às ciências humanas, o termo instituição é utilizado para definir estruturas ou mesmo crenças que conduzem uma instituição, as quais são assinaladas pela coletividade (<https://conceito.de/>); b) Conjunto de meios materiais e humanos mobilizados e organizados de modo a atender determinado interesse ou necessidade social ou coletiva (Infopédia – Dicionário da Língua Portuguesa); c) Organização que, pública ou privada, busca resolver as necessidades de uma sociedade ou comunidade (Dicio – Dicionário Online de Português), o termo instituição apresenta diferentes significados no âmbito das ciências sociais, sendo conceituado de diferentes maneiras por diferentes autores.

Na visão do sociólogo Max Weber (1982), as instituições seriam agrupamentos sociais criados para desenvolver a integração de membros que comungam aspectos específicos em sociedade: em outras palavras, as formas associativas seriam mecanismos criados para integrar o indivíduo à sociedade. Já os sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann, apresentam uma visão mais ampla do conceito, para eles, a instituição ocorre “sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores. [...] qualquer uma dessas tipificações é uma instituição” (Berger; Luckmann, 2004, p. 79), isto é, a instituição é apenas uma tipificação de costumes. Berger e Luckmann acrescentam ainda que, “As instituições têm sempre uma história, da qual são produtos. É impossível compreender adequadamente uma instituição sem entender o processo histórico em que foi produzida” (Berger; Luckmann, 2004, p. 79, 80).

Institucionalização das práticas ligadas ao gênero

Neste estudo, os clubes, casas, escolas e grupos de músicos dedicados ao choro são considerados instituições ligadas ao gênero. São, portanto, coletivos sociais formados com o propósito de promover a integração de indivíduos que compartilham determinados aspectos e práticas, seguindo o entendimento de Berger e Luckmann, no qual afirmam que “sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores [...] qualquer uma dessas tipificações é uma instituição” (Berger; Luckmann, 2004, p. 79). Tal institucionalização refere-se à mobilização e organização de recursos materiais e humanos para atender a um determinado interesse ou necessidade coletiva, que segundo Santos: “é o estabelecimento de uma prática ou ação em um sistema humano, e caracterizada pela rotina difundida e legitimada” (Santos, 2021, p. 28). O crescimento do gênero no continente europeu nos traz até o surgimento desses agrupamentos sociais específicos: as instituições, voltadas às vivências e práticas do choro.

O produtor francês, Etienne Clément, responsável por diversas ações de propagação da música brasileira, em especial o choro, em países europeus, destaca a relevância das instituições dedicadas a promover esse gênero musical na Europa:

A institucionalização do choro na Europa passa efetivamente pelas associações, como exemplo, o Clube do choro de Paris, elas nos ajudam a sistematizar a questão educativa, pois o choro em si pode existir nas práticas artísticas, palco, na roda (...) mas ele tem de ter essa vertente educativa para realmente se criar uma consciência, pois o choro não é somente uma música, é uma cultura. Se não houver as instituições aqui na Europa para organizar esse processo cultural e educativo, fica muito difícil (Clement, 2023, entrevista concedida em 30 de março de 2023 em Paris, França).

Fundado no ano de 2001, o Club du Choro de Paris foi oficialmente a primeira instituição formal voltada para atividades com o gênero na Europa. Segundo Maria Inês Guimarães, diretora do clube, o objetivo inicial era simplesmente reunir pessoas interessadas no choro, compartilhar algumas músicas do repertório tradicional de forma descontraída e informal, sem nenhuma pretensão de atividades pedagógicas.

A formalização dos encontros semanais e a institucionalização do Clube foram aspectos importantes para a permanência das atividades. Para Inês, a criação de uma diretoria formada por um presidente, secretário, tesoureiro, se fez necessário para a organização mais clara das funções, facilitando as ações e diminuindo as tensões provocadas pelo crescimento das atividades, além da facilidade na abertura desses modelos de associação. Segundo Inês, tais registros formais possibilitam as associações a participarem de ações e editais financiados pelo governo. Além das oportunidades de financiamento ligadas à formalização das instituições, esses modelos sociais estabelecem importantes parcerias com outras entidades públicas ou privadas, possibilitando assim, uma maior abrangência das ações planejadas pelas instituições de choro.

Parcerias

Temos como exemplo de parceria, a Choro School – EPM Holanda, fundada em 2012 na cidade de Rotterdam pelo músico e professor Marijn van der Linden. A escola surgiu como uma filial, portanto, seguindo os mesmos propósitos da Escola Portátil de Música (EPM), uma instituição criada por músicos de choro do Rio de Janeiro, Brasil. A EPM no Brasil se empenha em promover a educação musical através do choro, além de incentivar a divulgação e formação de novos interessados nesse gênero musical. Segundo Marijn, a escola

holandesa recebeu o aval dos diretores brasileiros, a proposta foi bem recebida por Maurício Carrilho, que considerou melhor, a ideia de uma escola e não de um clube, assim como Luciana Rabello, que propôs a criação da EPM Holanda, como uma instituição que promoveria intercâmbios com os mestres brasileiros, contribuindo para a capacitação dos músicos holandeses no estilo do choro.

A partir de 2018, a escola estabeleceu uma parceria com a Codarts University for the Arts – Universidade holandesa, oferecendo aulas de choro aos alunos do curso de música. As aulas, que têm a duração de um ano, são consideradas disciplinas optativas e os alunos que participam recebem créditos que contam para a graduação. Os custos das atividades são financiados pela universidade. A importância dessa parceria é reconhecida por Marijn:

Nós oferecemos as aulas durante o ano inteiro para os alunos da universidade e eles ganham pontos [...] eles não pagam, mas tudo é custeado pela universidade, pra nós é muito bom. O bom também é que usamos alguns desses alunos, depois que eles terminam a universidade, para estagiar conosco, e às vezes, como professores substitutos, além de criar um vínculo com uma instituição acadêmica (Linden, 2021, entrevista concedida em 14 de junho de 2021 em Rotterdam, Holanda).

Modelos diversos de parcerias formais e informais são encontrados na maioria das instituições de choro espalhadas pela Europa, desde a concessão para utilização de espaços públicos e/ou privados, como parcerias com conservatórios para o ensino deste gênero da música brasileira.

Práticas pedagógicas diversificadas

As atividades voltadas ao ensino da linguagem do choro nas instituições europeias são, na sua maioria, ações inerentes à sua existência. Práticas pedagógicas acontecem regularmente, por exemplo, na Casa do Choro de Toulouse, na Choro School – EPM Holanda e no Club du Choro de Paris. No entanto, podem ocorrer também esporadicamente por meio de masterclasses, workshops e festivais, como se realiza no Choro München e no Wiener Choro Klub.

O aprendizado de um conhecimento específico através da partilha e das relações sociais construídas em um ambiente coletivo comunga com o conceito de Comunidade de Prática, cunhado pelo teórico Etienne Wenger (1998), no qual diz que a aprendizagem acontece, inicialmente, através da paixão do indivíduo pelo tema, quase sempre movido por um gosto pessoal que se soma a outros indivíduos com necessidades semelhantes. Surge então

uma comunidade que partilha conhecimentos, troca experiências e interage em torno desse tema num aprendizado coletivo. Nas atividades pedagógicas em torno do choro, as práticas sociais e interações são a base do interesse por tal aprendizagem.

Durante o período da pesquisa tive a oportunidade de lecionar e interagir diretamente com os alunos do Club du Choro de Paris. Desenvolvi atividades pedagógicas baseadas, principalmente, na minha prática docente com os gêneros e ritmos brasileiros e na disciplina desenvolvida por Maria Inês Guimarães – ouvido e memória - que aborda, dentre vários aspectos, o fazer musical mais empírico, trabalhando as percepções musicais e memória auditiva, atividades bastante comuns na prática dos músicos de choro.

Durante todo o período das aulas, pude observar nos alunos - maioria europeus - necessidades e interesses numa camada mais profunda do que a vontade óbvia de aprender choro. Embora pertencentes a universos tão distintos no âmbito profissional, estes alunos constroem relações bastante relevantes através das experiências coletivas nas aulas, onde, até mesmo as dificuldades técnicas impostas pelo gênero não sobressaem à vontade de fazer parte daquele universo coletivo peculiar.

Práticas artísticas e as rodas de choro na Europa

Além das atividades pedagógicas, as instituições pesquisadas também desenvolvem ações voltadas à performance do gênero, como recitais de alunos, concertos com grupos formados no ambiente das instituições e as rodas de choro, que quase sempre são abertas a todos que desejam se juntar à prática. A maioria das rodas pesquisadas, embora ocorram em ambientes públicos, como bares, praças e até uma livraria, também conta com um propósito didático.

O Choro München, localizado na cidade de Munique, no sudeste da Alemanha, serve como um bom exemplo de instituição que integra práticas artísticas com objetivos didáticos. Além de organizar festivais anuais de choro na região, o Choro München promove rodas de choro no *Diba Café Bar*. Nessa roda, músicos alemães, holandeses e italianos residentes na cidade têm a oportunidade de se familiarizar com o gênero por meio de audições e participações informais, aprendendo novas melodias e se envolvendo na prática musical. O comando da roda é feito por dois brasileiros: o violonista de São Paulo, Abdallah Harati, e o percussionista de Pernambuco, João Araújo. Além de atuarem ativamente no Choro München, eles também integram o Caiana Duo, um dueto profissional de música instrumental brasileira com ênfase no choro. Em entrevista com Harati, o violonista cita a relevância da atividade: “Acho muito importante manter a tradição da roda aqui, seja para a prática do choro, como

para o aprendizado, é dali que as coisas acontecem” (Harati, 2024, entrevista concedida em 16 de fevereiro de 2024, em Munique, Alemanha).

A Roda de Choro do Porto é também um exemplo de prática artística em torno do gênero. O encontro dos músicos, admiradores e curiosos do choro acontece impreterivelmente na primeira quarta-feira de cada mês desde 2012. Situada no centro da cidade portuguesa do Porto, a Unicepe – Cooperativa Livreira de Estudantes do Porto – recebe todos os músicos que aparecem, sempre com o objetivo de promover o gênero e compartilhar com o público da livraria um pouco da cultura brasileira. A base da Roda de Choro do Porto é atualmente formada por portugueses, com a participação esporádicas de alguns brasileiros. Agostinho Rodrigues (Tico), um dos fundadores da roda, comenta sobre a informalidade e o prazer de tocar na roda:

Todos nós gostamos muito daquilo, chegar lá, tocar, ter prazer em tocar com todos, sem obrigações nenhuma, se tocar mal paciência, se tocar bem melhor ainda, mas tá tudo bem, é importante as pessoas não se sentirem constrangidas, as vezes as rodas são terríveis e as vezes são espetaculares. Uma coisa importante, e que a roda de choro do Porto nos proporciona, é que ao longo de todos esses anos já apareceram por lá músicos do mundo inteiro, profissionais, muitos deles brasileiros. Aprendemos muito com isso (Rodrigues, 2023, entrevista concedida em 05 de julho de 2023 na cidade do Porto, Portugal).

A dinâmica em torno das ações com o gênero no ambiente da Unicepe revela uma preocupação institucional com a manutenção da prática, assim como o registro e catalogação dessa atividade. Podemos encontrar na página da livraria na web – unicepe.pt - o apontamento das sessões de choro ocorridas ao longo dos anos, assim como o registro dos músicos que passam por ali.

Considerações finais: a sustentabilidade

A pesquisa apresentada teve como objetivo principal identificar a dinâmica do choro na Europa, visando compreender e difundir os aspectos que despertam o interesse nos músicos estrangeiros, bem como as mudanças ocorridas no gênero fora do Brasil. Contudo, a rede de ações realizadas direcionou meu olhar para o tema da sustentabilidade. Em virtude disto, faço minhas considerações sobre esta rede de ações e seu impacto na sustentabilidade do gênero na Europa.

Em 2016, Catherine Grant e Huib Schippers organizaram a obra *Sustainable Futures for Music Cultures*. Trata-se de um projeto idealizado por Huib Schippers, que consistia em

analisar o processo de sustentabilidade da música em diversas culturas, baseado na perspectiva ecológica de Jeff Todd Titon, que defendia que “(...) Indivíduos, grupos sociais e condições políticas, econômicas e ambientais foram, e são, sempre responsáveis por inovações e perturbações que resultam em mudanças culturais e musicais contínuas”. (Titon, 2019, xvii). Huib Schippers esclarece que a escolha por uma abordagem dinâmica neutraliza o peso de temas como tradição e autenticidade, além de possibilitar “(...) não excluir nenhum fator no ecossistema (...) das forças que impactam a sustentabilidade” (2016, p.10). Com isso, o autor definiu cinco domínios que considera fundamentais no processo de sustentabilidade: 1. Aprendizagem de música; 2. Músicos e comunidade; 3. Contextos e construções; 4. Regulamentos e infraestrutura; 5. Mídias e indústria da música.

Trago os domínios sugeridos pelo autor para minhas considerações porque identifiquei-os nas práticas realizadas pelos clubes, escolas e casas de choro espalhadas pelas cidades europeias. No entanto, constatei que eles só se desenvolvem devido à institucionalização formal das suas atividades. Em outras palavras, os cinco pilares relacionados são elementos contidos no processo de institucionalização do choro na Europa. As ações desenvolvidas pelas instituições de choro aqui apresentadas evidenciam, aparentemente, uma predominância no âmbito da aprendizagem e da prática artística. No entanto, o aprofundamento do olhar sobre estas instituições mostram outras camadas que, juntamente com estas práticas, formam uma rede de ações que incidem diretamente na sustentabilidade do choro na Europa.

Como foi apresentado neste artigo, as dinâmicas das instituições são distintas e diferem por várias questões, sejam pelo tempo de existência, pelas habilidades e condições materiais dos agentes envolvidos, ou pelo simples entendimento da melhor forma de explorar o gênero. Isso faz com que algumas instituições priorizem certas práticas em detrimento de outras. Contudo, não podemos desvincular a relação entre os cinco pilares no processo de institucionalização, pois eles estão presentes, visíveis ou não, a um olhar menos profundo.

A pesquisa realizada me faz crer que, para garantir a sustentabilidade do choro fora do seu país nativo, é crucial utilizar as formas de institucionalização das atividades ligadas ao gênero, uma vez que a institucionalização se apresenta como um meio de assegurar que as práticas musicais não apenas se preservem, mas também se adaptem e se desenvolvam dentro do contexto europeu.

Por fim, acredito que esta pesquisa contribui para a compreensão da adaptação cultural e da preservação musical. Ela amplia o conhecimento sobre como gêneros musicais

específicos podem se adaptar e prosperar fora de seu contexto original, oferecendo insights valiosos para estudos comparativos e práticas de gestão cultural.

Referências

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade* (F. de S. Fernandes, Trad.; 24ª ed.). Editora Vozes, 2004. 246 páginas.

CLÉMENT, Etienne. Entrevista a Marcelo Leite do Nascimento. Paris, França, 30 de março de 2023. Formato Vídeo. Duração 15 minutos e 36 segundos. Não publicada.

HARATI, Abdallah. Entrevista concedida a Marcelo Leite do Nascimento. Munique, Alemanha, 16 de fevereiro de 2024. Formato áudio. Duração 48 minutos e 20 segundos. Não publicada.

KOIDIN, Julie. *Os sorrisos do choro: uma jornada musical através de caminhos cruzados*. Global Choro Music Editora, 2011. 514 páginas.

LINDEN, Marijn van der. Entrevista concedida a Marcelo Leite do Nascimento. Rotterdam, Holanda, 14 de junho de 2021. Formato áudio. Duração 18 minutos e 40 segundos. Não publicada.

RODRIGUES, Agostinho. Entrevista concedida a Marcelo Leite do Nascimento. Porto, Portugal, 05 de julho de 2023. Formato áudio. Duração 39 minutos e 47 segundos. Não publicada.

SANTOS, Catarina de Almeida, et al. *Institucionalização da educação superior a distância nas universidades federais da região Centro-Oeste: temáticas em questão*. Editora Universidade de Brasília, 2021. 310 páginas.

SCHIPPERS, Huib; GRANT, Catherine. *Sustainable futures for music cultures: an ecological perspective*. Oxford University Press, 2016. 418 páginas.

TITON, Jeff Todd. IN. Cooley, T. J. (Ed.). *Cultural Sustainabilities: Music, Media, Language, Advocacy*. University of Illinois Press, 2019. <https://doi.org/10.5406/j.ctvh9w1f9>

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. (Tradução, edição e com introdução de H.H. Gerth e C. Wright Mills). Ltc editora, 1982. 530 páginas.

WENGER, Etienne. *Communities of practice: learning as a social system*. Systems Thinker, 1998, 9(5), 2–3.